

## Documentación de las Ciencias de la Información

ISSN-e: 1988-2890

<https://dx.doi.org/10.5209/dcin.70386>

 EDICIONES  
COMPLUTENSE

# O tratamento da informação na documentação fotográfica nos acervos do Museu do Homem Sergipano

Priscila Maria de Jesus<sup>1</sup>; Cristina De Almeida Valença Cunha Barroso<sup>2</sup>, Sura Souza Carmo<sup>3</sup>

Recibido: 06 de julio de 2020 / Aceptado: 10 de noviembre de 2020

**Resumo.** Ao abordar a trajetória do processo de documentação fotográfica e sua relevância nos espaços museais como acervo e como recurso para recuperação da informação, o presente texto apresenta uma discussão a partir de três termos centrais: documentação, informação e museus. A pesquisa se norteou em uma análise qualitativa, e como técnica de investigação utilizou o levantamento bibliográfico para compreender as práticas de gestão documental e de acesso à informação dos acervos fotográficos do Museu do Homem Sergipano. Desta forma percebeu-se que a fotografia pode ser considerada um recurso para o registro cultural e memorialístico da sociedade através da preservação e comunicação nos espaços museais.

**Palavras-chave:** Documentação Fotográfica, Inventário, Museu.

## [es] El tratamiento de la información en la documentación fotográfica del Museu do Homem Sergipano

**Resumen.** Al abordar la trayectoria del proceso de documentación fotográfica y su relevancia en los espacios de los museos como colección y como recurso para la recuperación de información, este texto presenta una discusión basada en tres términos centrales: documentación, información y museos. La investigación se guió por un análisis cualitativo, y como técnica de investigación se utilizó el relevamiento bibliográfico para comprender las prácticas de gestión documental y acceso a la información de las colecciones fotográficas del Museu do Homem Sergipano. De esta forma, se comprendió que la fotografía puede ser considerada un recurso para el registro cultural y memorialístico de la sociedad a través de la preservación y comunicación en los espacios museísticos.

**Palabras clave:** Documentación fotográfica, Inventario, Museo.

## [en] The treatment of information in photographic documentation of the Museu do Homem Sergipano

**Abstract.** In addressing the trajectory of the photographic documentation process and its relevance in museum spaces as a collection and as a resource for information retrieval, this text presents a discussion based on three central terms: documentation, information and museums. The research was guided by a qualitative analysis, and as a research technique used the bibliographic survey to understand the practices of document management and access to information of the photographic collections of the Museu do Homem Sergipano. Thus, it was realized that photography can be considered a resource for the cultural and memorialistic record of society through preservation and communication in museum spaces.

**Keywords:** Photographic Documentation, Inventory, Museum.

**Sumario.** 1. Introdução 2. Objetivos e Metodologia 3. Resultados e Discussões 4. Considerações Finais 5. Referências.

**Cómo citar:** De Jesus, P. M.; De Almeida Valença Cunha Barroso, C., Souza Carmo, S. (2020): O tratamento da informação na documentação fotográfica nos acervos do Museu do Homem Sergipano, en *Documentación de Ciencias de la Información* 44 (1), 117-125.

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Museologia (DMS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Coordenadora do Laboratório de Expografia (LabExpo/DMS/UFS) e Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano  
E-mail: priscilamdj@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS),  
E-mail: tina\_valenca@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS),  
E-mail: suracarmo@yahoo.com.br

## 1. Introdução

A invenção da fotografia no século XIX e sua popularização, permitiram que imagens fossem registradas instantaneamente, conferindo uma quantidade de usos cada vez maior para o novo recurso tecnológico. Com diferentes técnicas de reprodução da imagem, hoje obsoletas e desconhecidas pela grande maioria das pessoas (daguerreótipo, talbótipo, ferrótipo, ambrótipo, albuminada, etc), muitas fotografias tornaram-se documentos de diversos aspectos da vida cotidiana mas, também, como um recurso capaz de captar a verdade. Para Albuquerque (2006), desde a sua criação “foi imposta com um caráter documentário, baseado no princípio de prova e realidade que a caracterizam. Seu cerne está ligado a valores probatórios usados pela historiografia e pelo direito” (Albuquerque, 2006, p.39).

Um exemplo da indicação da fotografia como recurso documental em meados do século XIX foi realizada pelo restaurador francês Viollet-le-Duc (2008) no verbete *Restauração*, pois contemporâneo ao nascimento da fotografia, salientou sua importância como prova na documentação das atividades de restauração (Viollet-le-Duc, 2008). Aline Lacerda (2012) enfatizou os usos diversos da fotografia como recurso documental desde 1840 exemplificando com “os arquivos de fugitivos criminais das polícias da Bélgica, Suíça e do Estado americano da Califórnia” (Lacerda, 2012, p.33). Lacerda salientou ainda que apenas na virada para o século XX “os arquivos fotográficos de organismos e instituições começaram a ser mencionados na literatura sobre a história da fotografia” (Lacerda, 2012, p.33).

No entanto, na passagem do século XX para o XXI, destaca-se a utilização de recursos diversos na preservação digital, que consiste em processos e técnicas que buscam alimentar banco dados para consulta a longo prazo evitando a manipulação de acervos sensíveis. Para eficácia dos procedimentos é necessário uma organização estrutural e operacional através de investimentos em pesquisa, infraestrutura técnica e tecnológica (Santos, Flores, 2015). É necessário ainda na preservação digital estabelecer condições de acesso a longo prazo (Casanova, 2008), como os tipos de suporte e a sua constante atualização.

Na Museologia o uso das fotografias consiste em um dos itens básicos para as pesquisas e processos de documentação museológica, bem como atividades relacionadas à conservação e comunicação museal. Desta forma, o presente artigo visa discutir a importância da fotografia na documentação museológica em atividades como as documentações de entrada e saída, *ofacillite report*, no inventário do acervo etc., tendo como exemplo o acervo do Museu do Homem Sergipano, localizado no estado de Sergipe, no Brasil. Destaca-se o papel do Conselho Internacional de Museus (ICOM) na tratativa de procedimentos e referências que possam ser replicadas pelas instituições de salvaguarda do patrimônio, a exemplo do ObjectID, que é descrito como, “um estándar internacional para describir arte, antigüedades y objetos del mundo antiguo. Ha sido desarrollado mediante la colaboración de museos, tratantes, organizaciones del

patrimonio cultural, agencias de policía y de aduana, de arte y antigüedades, tasadores y la industria aseguradora.” (Object, site da web).

No âmbito deste artigo compreende-se como documentação museológica:

[...] conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto as coleções do museu de fontes de informação em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimentos (Ferrez, 1994, p.65)

Dentre os instrumentos para a documentação, destaca-se o inventário que se constitui peça fundamental para a gestão e conhecimento do acervo, tendo as fotografias como um dos instrumentos de identificação dos objetos, juntamente com a sua descrição. Embora o inventário seja peça necessária para compreender e gerenciar um museu, ainda é possível encontrar instituições museológicas que funcionam sem ter realizado o inventário completo do acervo. Segundo dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) no ano de 2011, verificou-se que grande parte dos museus não realizaram o levantamento do seu acervo, restringindo-se, em muitos casos, ao registro nos livros de entrada ou a ficha catalográfica individual do objeto, não completando todas as etapas do processo de inventário patrimonial.

é o fato de que, apesar do reconhecimento da importância do registro dos bens culturais, muitos museus apresentam dificuldades na execução dessa atividade. O não estabelecimento de números exatos ocorre por diferentes motivos, entre eles a escassez de recursos humanos e a ausência de capacitação técnica para a realização da atividade e o próprio caráter dinâmico dos acervos, uma vez que boa parte das instituições atua com a permanente inclusão de novos bens culturais em suas coleções. Os principais instrumentos utilizados para registro do acervo, segundo o CNM, são o livro de registro e a ficha catalográfica, que se equiparam em frequência de citações. Os softwares de catalogação aparecem como o recurso menos utilizado em relação aos demais instrumentos. (Instituto, 2011, p. 81)

Para aquelas que já realizaram ao menos uma vez, os inventários devem ser revistos continuamente e atualizados, sobretudo quando se pretende reorganizar o acervo ou identificar ações de furto, roubo e/ou alterações físicas do acervo em decorrência do envelhecimento dos materiais. Para Fausto Santos (2000) o inventário é um “procedimento administrativo que serve para controlar o acervo, determinar sua natureza, número e localização e todas as peças que o museu tem sob sua responsabilidade” servindo de “instrumento de segurança contra ocorrências que escapem ao seu controle, constituindo uma prova necessária que poderá ser requisitada pela justiça em qualquer caso que a envolva” (Santos, 2000, p.84).

Quanto mais informações possuir a documentação museológica de uma instituição, de forma mais eficiente serão realizadas as demais atividades do museu. De acordo com Maria Loureiro a documentação serve como “[...] ferramenta de grande utilidade para a localização de itens da coleção e o controle de seus deslocamentos internos e externos, como também fonte de pesquisa e auxiliar indispensável ao desenvolvimento de exposições e outras atividades do museu” (Loureiro, 1998, p.46). De forma semelhante, para Renata Padilha (2014) é objetivo das instituições museológicas buscar a melhor maneira de realizar os procedimentos de documentação, conservação e divulgação, sendo a fotografia uma importante ferramenta que teve seu uso direcionado para atividades documentalistas. A fotografia como recurso documental permite, atrelada a outros fatores, uma maior eficácia em diversas atividades relacionadas a documentação do acervo pois:

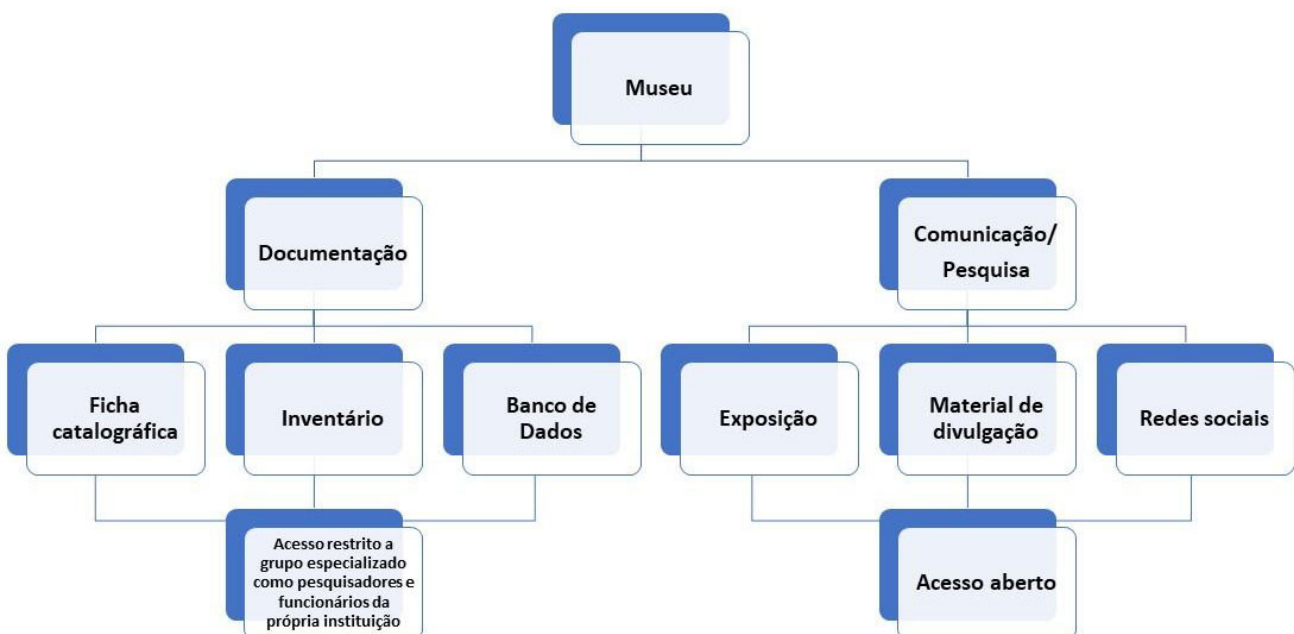
[...] melhoram o acesso, a conservação e a difusão dos documentos fotográficos; os usuários localizam a informação solicitada com maior rapidez e eficiência; a consulta de imagens on-line evita o manuseio de originais [...] a enorme capacidade de armazenamento de dados que os meios eletrônicos possuem, embora a gestão de tais dados seja, igualmente, um desafio aos profissionais da informação; a rapidez no acesso à informação, especialmente quando se dispõe de equipamentos adequados; o fato das informações digitais poderem ser ordenadas, agregadas, comparadas, etc., com uma enorme facilidade (Manini, 2008, p. 178).

Manini (2008) enfatiza que o uso da fotografia está vinculada ao seu poder de prova, sendo utilizado na atualidade para o acesso e difusão da informação. Para a autora “nos museus, as fotografias são tratadas como objeto, um objeto informativo. A fotografia tem, contudo, a

sua lógica, que pode ser justaposta à lógica de cada tipo de instituição” (Manini, 2008, p. 161). Como recurso informativo o uso da fotografia da documentação museológica também proporciona a redução da manipulação do acervo, contribuindo, assim, para a sua preservação. Um mecanismo utilizado pelas instituições museológicas consiste na disponibilização de fotos de seu acervo, mediante preenchimento de termos de responsabilidade por parte do pesquisador, para controle e gerenciamento das pesquisas desenvolvidas sobre suas instituições. Esta disponibilização é feita através das imagens contidas no banco de dados da própria instituição, por meio de setores como Comunicação e/ou Documentação/Pesquisa, como ressalta o *Fluxograma 01*.

O setor de Comunicação está relacionado às estratégias de visibilidade da instituição, como o gerenciamento de exposições, redes sociais e contato com os canais de informação; o setor de Documentação/Pesquisa constrói seu banco de dados para o gerenciamento de seu acervo, com imagens de cunho técnico para alimentar banco de dados e inventários, que apresentem as singularidades do objeto fotografado. Desta forma, o ideal é que a instituição possua mais de um banco de imagem: um destinado ao público (quando disponibilizado na internet) e outro para a documentação do acervo, vinculado ao gerenciamento das coleções. Atualmente o Museu do Homem Sergipano está construindo o seu banco de imagens relacionadas ao acervo e a parte arquivística.

Apesar de se destacar a importância do registro fotográfico como parte da documentação dos acervos museológicos, no Brasil, ainda é pouco difundido o seu uso atrelado, muitas vezes, a falta de recursos financeiros e humanos para execução das atividades de documentação fotográfica e digitalização de acervos. No levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), dos museus que submeteram inscri-



Fluxograma 01 - Processo de geração de fotografia no Museu.

ção no Cadastro Nacional de Museus<sup>4</sup> (CNM) apenas 34,7% apresentaram a documentação fotográfica como recurso para o registro de seu acervo, como demonstra o *Gráfico 01*. Esses dados, representam a realidade do MUHSE, que apenas em 2019 seu acervo iniciou o processo de registro documental e digitalização da documentação arquivística.

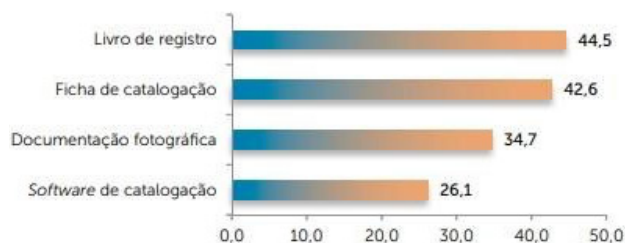


Gráfico 01 - Porcentagem de Museus segundo o tipo de instrumento utilizado para registro do acervo (2010).

Fonte: Instituto, 2011, p. 81.

O MUHSE, como grande parte dos museus brasileiros, carece de pessoal e equipamentos necessários para a implementação de ações consideradas básicas do processo de documentação de acervos, iniciando os procedimentos via projeto institucional que permitiu a atribuição de bolsa remunerada e/ou voluntária, para realização de parte das atividades de digitalização e registro, após capacitação. Ainda segundo os tipos de registro do acervo realizado pelo IBRAM (2011), o MUHSE não possuía nenhum dos listados (livro de registro, ficha de catalogação, documentação fotográfica, software de catalogação), pois no momento de cessão do acervo para estudo pelo Laboratório de Expografia da Universidade Federal de Sergipe, após a interdição do prédio que abrigava o museu no ano de 2013, apenas o arrolamento foi listado como documentação do acervo existente e encaminhado juntamente com os bens.

Cabe ressaltar que as fotografias trabalhadas foram as referentes ao acervo permanente (13 fotografia) e as fotografias que fazem parte do acervo arquivístico da instituição, resultado de coletas de campos, material para exposições e registro da história da instituição. Essas imagens estão passando pelo processo de tratamento (digitalização e atribuição de fichas catalográficas individuais) para posterior inclusão em um banco de dados. Para Fabbri *et al.* (2010) devem ser mantidas nos bancos de dados inclusive bens já desvinculados do museu, recomendado pela Interpol, em casos de roubos e furtos. A autora ainda informa que “em nível mundial, são mantidos bancos de dados e imagens de peças de mais de 180 países” com “informações precisas” e imagens de qualidade que “têm sido essenciais na recuperação de obras” tornando-as até mais conhecidas. (Fabbri *et al.*, 2010, p.60).

<sup>4</sup> Criado em 2006, tem por objetivo “manter um sistema capaz de processar regularmente informações sobre a diversidade museal brasileira, contribuindo para a construção de conhecimento e seu compartilhamento público.” (Instituto, 2011, p. XV).

## 2. Objetivos e Metodologia

O estudo tem como finalidade discorrer sobre a potencialidade do uso dos recursos fotográficos para documentação e extroversão de acervos museológicos a partir do estudo de caso do Museu do Homem Sergipano (MUHSE), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizado no município de Aracaju, estado de Sergipe, Brasil. Busca-se identificar as práticas intrínsecas de uso das fotografias para a gestão do museu, bem como perceber sua capacidade de prover pesquisas e, conseqüentemente, a produção de conhecimento a partir da documentação fotográfica produzida pelo MUHSE. Para tanto seria necessário investigar: Quais as práticas atuais de gestão documental têm sido produzidas no Museu do Homem Sergipano? Como a fotografia tem sido utilizada para a preservação do acervo do MUHSE? Que tipo de tratamento de classificação, guarda, preservação e de publicação tem sido desenvolvido para o acervo fotográfico no museu? Qual a natureza das fotografias que compõem o acervo da instituição? Como o museu disponibiliza seu acervo para pesquisadores?

Assim, o presente artigo tem como objetivo compreender e apresentar os processos utilizados para a gestão do acervo fotográfico e banco de imagens do Museu do Homem Sergipano, fruto do estudo das coleções a partir de projetos institucionais desenvolvidos pelo Laboratório de Expografia (LabExp).

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que buscou compreender as práticas de gestão documental e de acesso à informação do acervo fotográfico do MUHSE. As pesquisas com enfoque qualitativo, segundo Hernández (2013) estabelecem pressupostos tomando como base dados observados e gerados a partir de reflexões sobre o objeto de estudo. Entretanto, para essas análises não se desconsiderou o uso de dados quantitativos no sentido de que estes puderam colaborar para a compreensão do espectro geral da configuração do acervo fotográfico do museu.

Foram realizadas a coleta de dados documentais para a compreensão da formação do acervo através de informações do arquivo da instituição e observação direta. Foi utilizada ainda os dados provenientes dos arrolamentos e das fichas catalográficas do acervo desenvolvidos no projeto de pesquisa *Repositório on-line para museus: estudo e sistematização do acervo do Museu do Homem Sergipano*, realizado entre 2019 e 2020, através da qual se observou o tratamento dispensado ao acervo, a organicidade e a forma de conservação preventiva trabalhada pelas equipes responsáveis.

## 3. Resultados e Discussões

O Museu do Homem Sergipano (MUHSE) é classificado como um museu universitário, tendo por objetivo resguardar parte da memória e da história da sociedade sergipana. Criado no ano de 1976, o Museu passou por diversas formulações e nomenclaturas até ser compreendido como hoje, no entanto, o seu foco sempre permane-



ceu o mesmo, um espaço de pesquisa para professores e discentes, desenvolvendo ações de preservação, comunicação, investigação, exposição de estudos, pesquisas, história e a memória através de seu acervo. O Museu do Homem Sergipano:

[...] é o resultado das iniciativas de professores de Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, cujo objetivo era a preservação e divulgação dos variados aspectos da história e da cultura a partir de fragmentos do processo histórico cujos elementos sustentavam as particularidades da sociedade sergipana. Ao longo do processo a instituição museológica teve sua denominação modificada e seus espaços físicos mudados de endereço, fatos que não impediram, mesmo diante das dificuldades, que continuasse sua trajetória e seu papel de espaço para a extroversão da pesquisa acadêmica fazendo a ponte entre o saber produzido e a comunidade, fosse como Museu de Antropologia, Sala de Cultura Popular ou Museu do Homem Sergipano. (Nunes, 2010, p.68-69)

Apesar de não ter nascido com essa denominação, o Museu do Homem Sergipano assume a custódia de objetos como mobiliários, indumentárias, artes visuais, numismática, documentos e utensílios diversos que chegaram ao museu a partir de doações, trocas e empréstimos. O MUHSE tinha uma expografia que correspondia à vida do homem sergipano a partir do campo político, econômico, social e cultural. Uma de suas metas era extroverter as pesquisas e projetos de extensão desenvolvidos pela comunidade acadêmica e torná-las mais palatáveis e acessíveis aos visitantes do museu. Essa prática dava à instituição uma legitimação como órgão capaz de levar a ciência extramuros e aproximá-la da comunidade externa.

Atualmente o Museu do Homem Sergipano serve-se de um acervo de documentação fotográfica que é dividida em três categorias:

1. Fotografias que fazem parte do acervo permanente da instituição;
2. Fotografias que fazem parte do processo de documentação do acervo da instituição;
3. Fotografias que fazem parte do registro da memória da instituição, classificado como acervo arquivístico.

Destaca-se que cada uma dessas três categorias apresenta processos de tratamento e finalidades distintas. No que tange ao acervo permanente da instituição, ressalta-se que a mesma possuía um acervo aberto, no qual estava sempre recebendo novas doações, no entanto, a partir do fechamento do prédio físico, não houve mais incorporação de novos objetos ao seu acervo. Como parte do processo de documentação do acervo, está sendo realizado o registro fotográfico individual das peças que compõem o acervo permanente da instituição, com o objetivo da constituição de um banco de dados permanente. Já as fotografias que fazem

parte da memória da instituição, correspondem ao que ao MUHSE classificou como acervo arquivístico, ou seja, são fotografias e negativos provenientes de ações realizadas pelo museu (exposições, ações educativas, eventos, dentre outros), pesquisas e missões de campo de professores e discentes da universidade que ajudavam a entender a apoiavam as ações desenvolvidas pelo museu.

O MUHSE apresenta uma ampla diversidade no que tange à tipologia do seu acervo, segundo Vera Dodebei “as memórias documentárias, como *constructos* do conhecimento gerado pela sociedade, reúnem cadeias de representações presentes na dinâmica social, desde a produção do conhecimento até a sua assimilação e reprodução” (Dodebei, 2002, p. 19). E neste ciclo estão os documentos, enquanto suportes da informação e das memórias de uma determinada sociedade. Cabe ao profissional do museu selecionar aquilo que será preservado e inserido em uma narrativa expográfica, ou seja, passará a ser parte da instituição e aquilo que não será preservado, bem como as atribuições de uma linguagem documentária padrão.

A Museologia e seus processos de documentação apresentam pontos de encontro com a documentação da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, no entanto, por se tratar de acervos que apresentam uma diversidade de suporte maior, a exemplo dos objetos tridimensionais, nos quais a informação nem sempre está contida no próprio objeto, a recuperação da informação por novos campos de informação se torna precípua ao se tratar acervos museológicos, sobretudo por informações extrínsecas ao objeto.

à diferença de um livro, não basta recuperar informações relativas a autor, título e assunto. Dados quanto a material, técnica, dimensões, local e data de produção, estado de conservação, estilo, peso, procedência etc. são igualmente fundamentais para os pesquisadores. (Ferrez; Bianchini, 1987, p. XVI-XVII)

Tendo por base o *Thesaurus para acervos museológicos* (Ferrez; Bianchini, 1987) o acervo fotográfico foi classificado, quanto ao Termo Autorizado como *Documento Fotográfico*, Termo Genérico *Documento*, Termo Específico *Diapositivo*, *Fotografia*, *Negativo*, vocabulário que está sendo adotado no processo de revisão do inventário do acervo. Com base no arrolamento anterior, datado de 2013 e na revisão realizada em entre 2017 e 2018, quando do recebimento de parte do acervo do Museu do Homem Sergipano pelo Laboratório de Expografia (LabExpo) da Universidade Federal de Sergipe, consta que integram o acervo permanente da instituição o total de 13 (treze) fotografias. A baixa qualidade das imagens apresentadas no arrolamento encaminhado junto com o acervo, bem como a escassez de informações, foram fatores cruciais para a realização da nova documentação dos bens do MUHSE. Essas fotografias apresentam temas diversos, desde de pessoas e artefatos ligado à cultura popular, como demonstra a *Figura 02*, até personalidades do campo da política sergipana e nacional.


-----	-----	Peças artesanais de Renilda. Fotografia	
-------	-------	---	---

Figura 02 - Arrolamento de fotografia de artesanato de Renilda, 2013. Fonte: MUHSE

Ressalta-se que ainda a existência de mais fotografias proveniente de 06 (seis) placas de formandos do curso de Direito que foram doadas para o museu, no entanto, esse material ainda não foi trabalhado, como demonstra as Figuras 03 e 04.


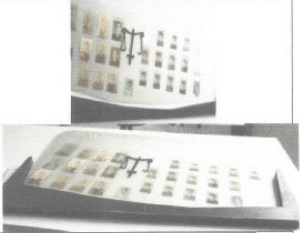

Nº de Patrimônio	Nº de Registro	Objeto	Foto
-----	-----	Quadro dos formandos de 1958- Faculdade de Direito de Sergipe	
-----	-----	Quadro dos formandos de 1960- Faculdade de Direito de Sergipe*	
-----	-----	Quadro dos formandos de 1962- Faculdade de Direito de Sergipe	

Figura 03 - Arrolamento dos quadros de formandos, 2013. Fonte: MUHSE

-----	-----	Quadro-Formandos de 1956- Faculdade de Direito de Sergipe	
-----	-----	Quadro-Formandos de 1955- Faculdade de Direito de Sergipe	
-----	-----	Quadro-Formandos de 1957- Faculdade de Direito de Sergipe	

Figura 04 - Arrolamento dos quadros de formandos, 2013. Fonte: MUHSE

As fotografias, em preto e branco e sépia, estão apresentando descolamento da superfície em madeira, por isso muitas foram guardadas em envelopes para posterior procedimento de restauro. O arrolamento proveniente da

gestão do museu no ano de 2013 é composto por quatro campos a saber: **número de patrimônio** (numeração atribuída pela Universidade aos bens patrimoniais), **número de registro** (numeração atribuída pelo museu ao seu acervo permanente), **objeto** (designação/nomenclatura do bem, geralmente seguindo as orientações do Thesaurus) e **foto**. Essas foram as informações que acompanharam os objetos quando do seu empréstimo, ressalta-se que a maioria dos campos do arrolamento encontram-se sem preenchimento bem como a baixa qualidade das imagens contidas no documento, por isso a realização de um novo inventário do acervo. Embora os seis objetos não sejam listados como Fotografia, apresentam desdobramentos que serão classificados como tal.

O tratamento museológico dado ao acervo tem o total de 05 (cinco) etapas, como mostra a Figura 05, no qual as etapas 1, 2 e 3 já foram finalizadas.

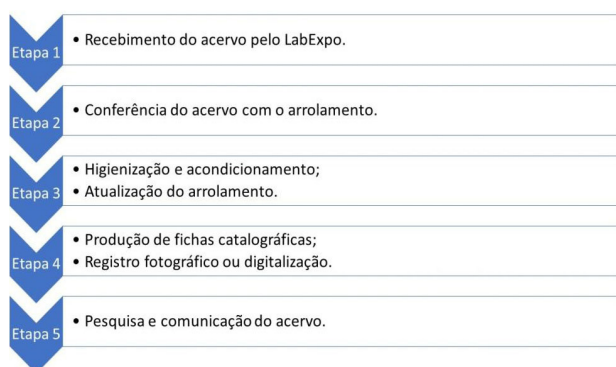


Figura 05 - Etapas do tratamento do acervo do MUHSE.

As fotografias que fazem parte do processo de documentação do acervo da instituição, são aquelas que estão sendo obtidas na Etapa 04 do tratamento do acervo do MUHSE e constituem o seu banco de imagens, usadas para processos de documentação e comunicação. Iniciada em agosto de 2019, foi interrompida no mês de março de 2020, devido à suspensão das atividades presenciais na Universidade Federal de Sergipe, as fotografias digitais, são armazenadas em pastas nomeadas levando-se em consideração a organização espacial do objeto, a exemplo de *Estante 01 - Prateleira 01*, e nomeadas levando em consideração a nomenclatura do objeto, a exemplo da Figura 06. Tal decisão levou em consideração que nem todo objeto recebido apresenta o número de tombamento e outros apresentam dois ou mais números de tombo como mostra a Figura 07.



Figura 06 - Panela Xokó. Autor: Ana Flávia Peixoto.



Figura 07 - Registro dos números de tombo na Panela Xokó. Autor: Ana Flávia Peixoto.

O acervo permanente da instituição ainda encontra-se em processo de documentação para posterior comunicação, seja por meio de exposições físicas ou virtuais. Já as fotografias que fazem parte do registro da memória da instituição começaram a ser recuperadas no ano de 2019, uma vez que estavam ainda no prédio do Museu que foi interditado totalmente no ano de 2013, deixando para trás todo o acervo arquivístico da instituição. Segundo o Arquivo Nacional compreende-se por arquivo todo material “produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras” (2005, p. 136).

Esses documentos ainda se encontram no prédio do MUHSE, localizado na Rua de Estância, e estão sendo retirados sistematicamente para digitalização desde o final de 2019. Para Gutiérrez Usillos o arquivo também deve ser visto como “parte del centro de conocimiento, al tiempo que independiente, ya que para <conocer> la institución es indispensable contar con su documentación, y esta está custodiada en el archivo” (2010, p. 177-8), Desta forma as fotografias provenientes do arquivo e que encontram-se em processo de digitalização, apresentam uma ficha de identificação, com dados provenientes de sua história, como ano, local e número, este último sendo o utilizado para nomear os arquivos. Vital *et al.* conceitua o processo de descrição arquivística como: “uma atividade que visa representar conjuntos documentais em arquivos, identificando e explicando o contexto de produção, conteúdo e características inerentes aos documentos, a fim de facilitar a localização e o acesso.” (2019, p. 31).

Diferentemente do acervo permanente do MUHSE a documentação arquivística apresenta etapas de trabalho em um processo cíclico, no qual parte da documentação é retirada do prédio, passa pelas etapas de tratamento presentes na Figura 08, devolvida ao seu local de origem e o processo é reiniciado com um novo lote de caixas retirada do prédio.

As imagens que compõem o acervo arquivístico, são provenientes de exposições temporárias e de longa duração, pesquisas de campo a partir de projetos de pesquisa, extensão e disciplinas ofertadas por docentes, en-



Figura 08 - Etapas do tratamento da documentação arquivística do MUHSE.

tre outras atividades ligadas ao dia a dia do museu e da Universidade. Apesar do seu longo tempo no prédio sem ações ou trabalho administrativo, seu acondicionamento permitiu uma boa conservação do material fotográfico. As imagens estavam dispostas em estantes de aço, acondicionadas em envelopes institucionais e em caixas arquivo de papel, como mostra a *Figura 09*.



Figura 09 - Documentos na sede do MUHSE. Foto: Autor

As fotografias do arquivo, assim como o acervo permanente do MUHSE, estão em processo de tratamento, no qual ainda não foi possível diagnosticar o quantitativo de fotos e negativos existentes. As fotografias estão sendo digitalizadas em arquivo *.jpeg* com resolução de 600 dpi e armazenadas em HD externo e armazenamento digital em nuvem, que permite o seu acesso em qualquer lugar a qualquer momento.

As imagens digitalizadas estão organizadas em seis coleções: Encontro Cultural de Laranjeiras; Festival de Arte de São Cristóvão; Folclore; São Gonçalo; UFS e Diversos. Os descritores das coleções fazem referência às atividades culturais existentes no estado de Sergipe/Brasil, bem como atividades acadêmicas desenvolvidas



no âmbito da UFS. Até o momento foram tratadas 250 fotografias, estima-se que ao final do trabalho, cerca de 2000 (duas mil) imagens serão digitalizadas.

Apesar do acervo ainda estar em processo de catalogação e digitalização, já foi realizada sua extroversão para a comunidade por meio de uma exposição temporária na UFS com 36 fotografias em formato digital, entre os meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020. A próxima etapa consiste na criação de conteúdo virtual (exposições, jogos, etc.) com essas imagens e informações coletadas para promoção de atividades remotas culturais durante o período de isolamento social e suspensão das atividades acadêmicas presenciais nas instituições de ensino.

A opção pela gradual migração das ações educativas e de comunicação para o mundo virtual, Daniela (2020) em seu artigo informa que os conteúdos virtuais além de oferecer um leque de possibilidades para levantamento de informações que podem ser necessárias sobre uma instituição por parte de um visitante, “can serve as a tool to overcome the various constraints faced by museums themselves, such as the need for rooms to display all the artefacts available to them, the need to attract visitors, and the desire of visitors to interact with museum artefacts as much as possible.” (2020, p. 02). Essa possibilidade de virtualização em decorrência de fechamento temporário de um museu ou falta de espaço físico, foram as causas que se levou a pensar na produção de conteúdos virtuais a partir dos acervos fotográficos do MUHSE, seja o permanente ou o arquivístico.

Segundo Micolle et al (2020, p. 03), “Despite the cost, it is evident that many useful technological building blocks are now available for creating digital applications that digitally enhance museum visits. However, in addition to technology, the design framework for making such technologies effective is also critically important.”. Assim, para a realização do projeto, além de uma equipe multidisciplinar se optou pelo levantamento de softwares e programas *open access* para a produção do conteúdo virtual.

O desenvolvimento de conteúdos virtuais para museus é um processo que deve ser pensado e amparado em práticas de pesquisa e documentação, para que possibilite uma maior interação e acesso à informação por parte do seu público. Desta forma, ao mesmo tempo em que esses acervos são preservados virtualmente por meio dos processos de digitalização, pretende-se a sua comunicação a um público visitante que possa conhecer e acessar informações e documentos há muito sem apresentação à comunidade sergipana.

## 5. Referências

- Albuquerque, Ana Cristina de. Catalogação e descrição de documentos fotográficos em bibliotecas e arquivos: uma aproximação comparativa dos códigos AACR2 e ISAD (G). 2006. 188f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: [http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Diccion\\_Term\\_Arquiv.pdf](http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Diccion_Term_Arquiv.pdf) Acesso em: 13 de agosto de 2020.
- CASANOVAS, I. Gestión de documentos electrónicos. Buenos Aires: Alfagrama, 2008.

## 4. Considerações Finais

O uso da fotografia como recurso na documentação museológica tem sido cada vez mais frequente visto sua importância para o registro da informação nas diferentes ações de documentação do acervo, sobretudo na recuperação da informação e no auxílio à bens furtados, roubados ou que sofreram algum tipo de sinistro. A grande dificuldade das instituições museológicas na digitalização de acervos no Brasil está associada à falta de recursos financeiros e humanos para a realização das atividades. Essa realidade também faz parte da prática cotidiana do Museu do Homem Sergipano. Entretanto, como museu universitário, suas ações tiveram ao longo desses anos a colaboração de especialistas e assessoria de projetos que ajudaram com a formação e gerenciamento do acervo fotográfico desta instituição.

A documentação fotográfica presente no Museu do Homem Sergipano apresenta etapas e tratamentos que buscam salvaguardar as informações contidas em suportes papel ou digital. Compreende-se que independente a que categoria possa pertencer, o acervo fotográfico do MUHSE constitui-se em registros que retratam a história e a cultura da sociedade sergipana e como tal tem responsabilidade na manutenção e preservação desta memória. Nessa direção, esse material fotográfico torna-se relevante para promoção das pesquisas e das exposições temporárias que tomam como foco a cultura e o homem sergipano.

Percebe-se que o trabalho de documentação fotográfica que está sendo realizado atualmente no Museu do Homem Sergipano apresenta particularidades que o insere no tratamento da informação e dentro das recomendações apresentadas pelo ICOM e pelo IBRAM, para a preservação de informações dos acervos museológicos. Os resultados provenientes das ações dos projetos de pesquisa e extensão liderados pelo GEMPS e pelo Laboratório de Expografia/UFS sobre o acervo fotográfico do MUHSE tem contribuído não só para a recuperação de informações sobre o acervo, mas também para proporcionar eficiência na gestão, segurança e recuperação de indícios sobre a cultura de Sergipe.

É de entendimento comum que a fotografia não substitui fichas ou outros documentos descritivos do acervo, mas auxilia na guarda de informações intrínsecas do objeto. A partir dessa compreensão, as ações com o acervo do Museu do Homem tem promovido o uso dos recursos fotográficos para auxiliar a documentação do acervo permitindo uma melhor identificação dos bens, sua extroversão nas plataformas de divulgação e na colaboração de pesquisas científicas.



- Daniela, Linda. Virtual Museums as Learning Agents. *Sustainability*. 2020; 12(7):2698. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/12/7/2698#cite> Acesso em: 15 de agosto de 2020.
- Dodebei, Vera Lúcia Doyle. *Tesouro: Linguagem de representação da memória documentária*. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.
- Fabbri, Angélica; Machado, Cecília; Monteiro, Juliana [et al.]. *Documentação e conservação De acervos museológicos: Diretrizes*. Brodowski: Associação Cultural de Amigos da Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.
- Ferrez, Helena Dodd. *Documentação museológica: teoria para uma boa prática*. In: Fórum Nordestino de Museus, 4., Recife. Trabalhos apresentados. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.
- Ferrez, Helena Dodd; Bianchini, Maria Helena S. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.
- Gutiérrez Usillos, Andrés. *Museología y documentación: criterios para la definición de un proyecto de documentación en museos*. Gijón, Trea, 2010.
- Hernández, Sapiéri Roberto. *Metodologia de pesquisa [recurso eletrônico]*. Roberto Hernandez Sapiéri, Carlos Fernandez Collado, María Del Pilar Baptista Lúcio; Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5 ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2013. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/73719626/5-roberto-hernandez-sampieri-carlos-fernandez-collado-maria-del-pilar-baptista-l>. Acesso em 13 de junho 2020.
- Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.
- Lacerda, Aline Lopes de. *A fotografia no arquivo: produção e sentido de documentos visuais*. *Revista História, Ciências, Saúde*, v.19, n.1, jan. mar. 2012.
- Loureiro, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. *Museu, informação e arte: a obra de arte como objeto museológico e fonte de informação*. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- Manini, Miriam Paula. *A fotografia como registro e como documento de arquivo*. In: Bartalo, L.; Moreno, N. A. (Org.). *Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas*. Londrina: EDUEL, 2008.
- Micoli, LL; Caruso, G; Guidi, G. *Design of Digital Interaction for Complex Museum Collections*. *Multimodal Technologies and Interaction*. 2020; 4(2):31. <https://doi.org/10.3390/mti4020031>
- Nunes, Veronica Maria M. *O Museu do Homem Sergipano*. In: *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.6, n.2, p. 67-85, dez. 2010. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/87/556>. Acesso em 13 de junho de 2020.
- OBJECT Id. *El objectId*. Disponível em: [http://archives.icom.museum/object-id/about\\_span.html](http://archives.icom.museum/object-id/about_span.html). Acesso em 14 de junho de 2020.
- Padilha, Renata Cardozo. *Documentação museológica e gestão de acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.
- Ribeiro, Emanuela Sousa. *Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão*. In: *Museologia e Interdisciplinaridade: publicação eletrônica do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação*. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciências da Informação. Vol. 02, n. 04, maio/junho de 2013. Brasília: UNB/ FCI, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/16366/14654>. Acesso em 13 de junho 2020.
- Santos, Fausto Henrique dos. *Metodologia Aplicada em Museus*. São Paulo: Mackenzie, 2000.
- Santos, Henrique Machado dos; Flores, Daniel. *Políticas de preservação digital para documentos arquivísticos*. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.20, n.4, p.197-217, out./dez. 2015.
- Viollet-Le-Duc, Eugène Emmanuel. *Restauração*. Tradução: Beatriz MugayarKühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- Vital, L. P.; Silva, J. E. DA; Otto, C. P.; Cavalheiro, S. M. *Descrição arquivística e contextualização: experiência com o arquivo de Sebastião Salgado*. *Informação em Pauta*, v. 4, n. 1, p. 29-47, 4 jul. 2019.